

## O Elefante ou o Quebra-nozes para as crianças?

*Para nossa neta Maira, filha de Cristan van Emden e Paula (née Iturra)*

Foi comentado no nosso jornal do mês de Dezembro, que Natal era quando o marketing quisesse. Comentário que me leva a pensar a relação dos adultos e das crianças. Essa relação, hoje, de distância e, antigamente, de larga intimidade, ambas com muito imaginário e certa afectividade. Imaginário, como é natural, que varia no tempo e no espaço. Como Pyotr Ilyich Tchaikovsky e Gus van Sant. Como a água do óleo. Qual, a verdadeira? Qual, a conveniente? Qual, a da História? Não é o acaso que me leva a pensar no Elefante e no Quebra-nozes.

O *Elefante*, de Gus van Sant, é o filme que relata, em 2003, o que aconteceu na Escola Secundária de Columbine de Littleton, Colorado, USA, em 1999. Em Abril de 1999, duas crianças púberes massacraram colegas, docentes, administrativos e amigos. Uma escola assassinada por sentirem que ninguém tinha paciência, carinho ou atenção por eles, e que a sua inteligência e talento passavam despercebidos. De facto, até o *Für Elise* de Beethoven ou *Sonata ao Luar*, descrevem os sentimentos emotivos dos meninos desprezados. Por quem? Acabado o filme, ficamos a saber, ao pesquisar os factos e ao reparar no processo dentro do qual decorre a nossa vida actual: a solidão, a falta de família, mães empresárias, pais no escritório, sem beijo, abraço, carícia ou sorriso, esses pequenos *nadinhas* de apoio para seres que estão a começar a vida. Não tendo ainda capitalizado análise, entendimento, simpatia, dos seus actos e factos, como referem Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron em 1970, no seu *La Reproduction*, quando falam que a violência simbólica está ligada ao sistema de ensino ? distante da acção pedagógica ? disciplina com castigo corporal, sistema de ensino baseado na memorização das ideias sem debate, informes negativos aos adultos das crianças, e outras ideias desenvolvidas por eles em diferentes textos, especialmente nos majestosos *Le pouvoir symbolique* de 1989, ao referir Bourdieu, que *la mort sasit le vif*, ou a morte do outro dá ? me a vida ? como parecem ter pensado os adolescentes ao reivindicarem o seu direito à vida amável, justa e reconhecimento dos seus afazeres. Proferem uma frase dura e bestial ao Director que costumava bater-lhes, no segundo prévio à balada de balas que canta a extinção de um ente anti pedagógico: ?Nunca pensaste que eu também pensava, sua besta...Diz perdão, Diz perdão..!?... , mas a absolvição acaba por ser o fuzilamento sobre o piso do *bom* feitor de crianças assassinas; bem como no *La misère du monde* de 1993, ao falar de famílias deslocadas do seu sítio natural, terra e lar. Exactamente, esse *Elefante* das crianças que agarram a vida na medida que matam mais de duzentas pessoas para compensar a falta de sítio próprio, definido pela frase do início deste texto: o *marketing* retira seres humanos dos seus descendentes, do cuidado e atenção aos seus estudos, namoros, planos de vida, gerindo auto estima enganada, *Beethovens* que substituem emotividade mal nascida, abortada ou nunca desenvolvida. Esse pesado animal de trompa cumprida, acaba por ser a sociedade que cria entidades para o mercado, que saibam calcular e encurralar o inimigo ? inimigo definido, à *la* Freud, pelo desbravamento de seres para amar, por seres para odiar e serem mortos para esse agarrar a vida. Deslocação não querida, mas entendida por causas distantes de sentimentos necessariamente entremeados com uma certa racionalidade que os adultos saberiam ensinar... se o mercado o permitisse. *Elefante* criado pelos invasores do Vietname, *salvadores* do Iraque, intervenientes em processos democratas, como o do Salvador do Chile. Toma da vida, uma real toma da Bastilha que pretende a liberdade, igualdade e fraternidade, direitos definidos mas nunca atingidos. Direitos, fundamentais na idade adolescente que, ao não serem fornecidos, passam para uma sublimação ritual na Missa das balas lançadas em nome da justiça e do bem-estar dos adolescentes em questão. Fuzilar para tomar a vida do outro e assim ficar no justo peso e medida da interacção social. Interação definida pela acumulação do lucro e procura de mais valia na empresa da vida, como tem sido definido pela nossa História, ao longo do tempo, a partir da existência de mercadorias entre países ocidentais e orientais, mercadoria que desnorteia o comportamento. Donde, *Quebra-nozes*. Pyotr Illich apresenta-nos uma Clara que acolhe no seu regaço o seu boneco partido na rixa de crianças na noite de Natal. Essa noite apoiada pelo avô que dança, a mãe que dita as horas de ir para cama, o pai que apoia a disciplina e assim terem uma surpresa para os pequenos no dia seguinte de manhã. Pequenos que no referido bailado, manipulam o seu ainda despovoado imaginário, dentro dos limites delineados pela família. Um *Quebra-nozes* que, na fantasia da pequena, dança, namora, apresenta um bosque e um castelo no qual se manifesta como o Príncipe que realmente era. *Quebra-nozes* que o seu irmão, na sua raiva de já não ser capaz de brincar com os presentes de Natal, parte e desfaz, como se fosse um presságio do *Elefante* de Columbine, Van Sant e Tchaikowsky pertencem a dois mundo diferentes: os da magia da criação musical que ilude a partir de factos que seriam banais se não fossem importantes para as crianças, o músico; ou da magia da recriação do real na base da irrealidade da imagem, o cineasta. No entanto, os dois a analisarem a importância do apoio do adulto que entende ? ou não ?, os pequenos. Os que entendem ganham uma princesa; os que não, ganham uma depressão e, muitos, um luto inesperado. Van Sant sabe qual a pedagogia necessária para termos cidadãos animados e emotivos que sabem combinar coração com razão. Piotr, faz-nos dançar com o chá da China, o chocolate da Espanha, os doces da Rússia e a infinita Valsa das Flores, no minuto que toda a família festeja a recuperação do *Quebra-nozes*, a sua conversão em Príncipe e o seu amor declarado à pequena que, já

mulher, o soube restaurar, em menina, no seu colo. A História arquiva Columbine, mas aprende os factos que o capital nos causa; assim como, arquiva em salas de dança e em discos, o ar doce e amoroso da Valsa das Flores, Epílogo desejado por todo o educador. Uma Apoteose a milhas de distância dos educadores ? tantos! -, que criam aborrecidos e mal estimados Columbines. A História aborrece o *Elefante* e sonha com o *Quebra-nozes*, mas vive na singular batalha do animal de trompa cumprida, já faz anos...e os que ainda faltam. Para as crianças não pode haver *Quebra-nozes*, excepto se queremos levantar a Apoteose de saber agarrar a vida para a continuar dentro do plano dos direitos humanos que, até onde entendo, os nossos dois artistas criam e Pierre Bourdieu analisa de forma sabida. É com eles que aprendemos a crescer e a não apenas a viver dentro do lucro e mais valia, mas sim, dentro de uma raciocinada fantasia. *Elefantes* e *Quebra-nozes* a par e passo, no processo da vida, para os pedagogos aprenderem com todos estes artísticos factos. Haja ouvidos para entendermos os processos educativos e vivermos calmos e serenos, no amor e delicadeza de gerações a partilhar a mesma cronologia.